

## Florestan Fernandes e os estudos sociais da infância

*Florestan Fernandes and the social studies of childhood*

*Florestan Fernandes y los estudios sociales de la infancia*

Fabiana de Oliveira

Universidade Federal de Alfenas

[fabiana.oliveiraunifal@gmail.com](mailto:fabiana.oliveiraunifal@gmail.com)

<http://orcid.org/0000-0002-1001-5981>

### RESUMO

O presente artigo é resultado de um ensaio, de natureza teórica, focado em analisar as contribuições teóricas e metodológicas da produção de Florestan Fernandes para uma reflexão acerca do seu pioneirismo na abertura dos Estudos Sociais da Infância no Brasil, guardando suas especificidades e o contexto em que foram produzidas. Florestan iniciou uma reflexão, deveras importante, na década de 1940 ao utilizar formas metodológicas específicas para captar as brincadeiras infantis e, também, buscou compreender o modo como as crianças lidam com os artefatos culturais produzidos por elas, e para elas, por meio das discussões sobre cultura infantil e socialização. Florestan iniciou o campo dos Estudos Sociais da Infância no Brasil por meio de uma abordagem interdisciplinar, a partir dos aportes teóricos e metodológicos dos campos do folclore, da sociologia e da antropologia, apresentando interfaces com a área da Sociologia da Infância.

**Palavras-chave:** Estudos sociais da infância. Florestan Fernandes. Sociologia da infância.

### ABSTRACT

*This paper is the result of a theoretical essay, focusing on analyzing the theoretical and methodological contributions of Florestan Fernandes' production, for reflection on its pioneering spirit to begin the Childhood Social Studies in Brazil, keeping its specificities and the context in which they were produced. Florestan started a very important reflection in the 1940s, when using specific methodological ways to capture children's games, and also sought to understand the way how children deal with the cultural artifacts produced by them and for them, through discussions about children's culture and socialization. Florestan started his research in Social Studies field of Children in Brazil through an interdisciplinary approach, on the basis of theoretical and methodological contributions from the fields of folklore, sociology, and anthropology, presenting interfaces with the Sociology of Childhood area.*

**Keywords:** *Childhood sociology. Florestan Fernandes. Social studies on childhood.*

### RESUMEN

*Este artículo es el resultado de un ensayo teórico, centrado en analizar las contribuciones teóricas y metodológicas de la producción de Florestan Fernandes, para reflexionar sobre su espíritu pionero en la apertura de los Estudios Sociales de la Infancia en Brasil, manteniendo sus especificidades y el contexto en que fueron producidos. Florestan comenzó una reflexión*

*muy importante en la década de 1940 al usar formas metodológicas específicas para capturar juegos infantiles, y también trató de comprender la forma en que los niños tratan los artefactos culturales producidos por ellos y para ellos a través de discusiones sobre la cultura infantil y socialización. Florestan comenzó su investigación en el campo de Estudios Sociales para Niños en Brasil a través de un enfoque interdisciplinario sobre la base de contribuciones teóricas y metodológicas de los campos del folklore, de la sociología y de la antropología, presentando interfaces con el área de Sociología de la Infancia.*

**Palabras clave:** Florestan Fernandes. Estudios sociales de la Infancia. Sociología de la Infancia.

## Introdução

Este artigo tem o intuito de analisar as contribuições teóricas, e metodológicas, da produção de Florestan Fernandes, para uma reflexão acerca do seu pioneirismo na abertura dos Estudos Sociais da Infância no Brasil, guardando suas especificidades e o contexto em que suas pesquisas foram produzidas<sup>1</sup>.

Historicamente, a criança tem sido considerada imatura, fraca, dependente e subalterna; essa perspectiva contribuiu para o que Sarmiento (2005) denomina: “negatividade constituinte da infância”. Haja vista, que as crianças têm sido linguística e juridicamente consideradas a partir do prefixo da negação e das interdições sociais que são justificadas pela ideia de menoridade.

A menoridade está interconectada a uma concepção de natureza infantil que vem carregada de um sentido negativo em relação à condição da criança, pois confere a ela um lugar menor. Nessa visão, a criança ainda não *é*, ela precisará *tornar-se*, pois é considerada um *vir a ser* do adulto. O vocábulo infância, *in-fans*, designa aquele que não fala, ou seja, mudo, sem direito à voz, já que:

A criança é, pois, aqui considerada antes de tudo como aquilo que os anglo-saxões denominam um “future being”, um ser futuro, em devir: ela [a infância] apresenta ao educador não um ser formado, não uma obra realizada e um produto acabado, mas um devir, um começo de ser, uma pessoa em vias de formação (SIROTA, 2001, p. 09).

A partir dos Estudos Sociais da Infância, tomamos por base, especificamente, na presente reflexão, algumas proposições do campo da Sociologia da Infância que reivindicam a retirada da criança desse lugar menor, até então, conferido a ela pelo paradigma tradicional das ciências sociais e da psicologia. Tal proposição, tem como um de

---

<sup>1</sup>O presente artigo é resultado do projeto de Demanda Universal financiado pela FAPEMIG denominado “As contribuições teórico-metodológicas de Florestan Fernandes para as pesquisas com crianças no Brasil e as interfaces com a Sociologia da Infância”.

seus questionamentos centrais, o conceito de socialização baseado em uma perspectiva funcionalista a partir das proposições de Durkheim.

Nesse sentido, segundo Sirota (2001, p. 09), é a partir dessa rejeição a essa “concepção da infância considerada como um simples objeto passivo de uma socialização regida por instituições, que vão surgir e se fixar os primeiros elementos de uma sociologia da infância”.

As concepções atuais sobre a socialização das crianças concordam que o fenômeno da socialização ocorre por meio de múltiplas negociações com seus pares e com os adultos. Ela contribui, assim, para a construção da identidade do sujeito (PLAISANCE, 2005; SIROTA, 2001; MOLLO-BOUVIER, 2005), pois

A redescoberta da sociologia interacionista, a dependência da fenomenologia, as abordagens construcionistas vão fornecer os paradigmas teóricos dessa nova construção do objeto. Essa releitura crítica do conceito de socialização e de suas definições funcionalistas leva a reconsiderar a criança como ator (SIROTA, 2001, p. 10).

A partir dos anos 80, os trabalhos sociológicos sobre a infância multiplicaram-se e foram sendo modificados. As pesquisas voltadas para a compreensão das relações entre as crianças, as quais buscavam novos caminhos (para além de uma perspectiva reprodutiva da socialização) foram as que mais passaram por modificações.

Assim, surgiram várias publicações em revistas especializadas, como a *Sociological Studies of Children* e em outras não especializadas em assuntos da infância. Além disso, outras obras começaram a aparecer, como foi o caso das publicações de Corsaro, Cunningham, James, Prout, Jenks e Qvortrup, entre outros (MONTANDON, 2001).

A Sociologia da Infância caracteriza-se por possuir uma abordagem multidisciplinar para justificar as heterogeneidades dentro desse campo. Contudo, há, também, aspectos centrais que são compartilhados, como, por exemplo:

a) a compreensão da criança e da infância como uma construção social; b) a infância entendida não como algo universal, mas como um componente tanto estrutural quanto cultural; c) as crianças sendo consideradas atores, em sentido pleno, e não simplesmente como seres em devir; d) as crianças consideradas ao mesmo tempo produto, e atores, dos processos sociais; e) a infância como uma variável de análise sociológica que articula-se à diversidade de vida das crianças, levando-se em consideração classe social, gênero e pertencimento étnico (JAMES; PROUT, 1990, p. 08-09 apud MONTANDON, 2001, p. 51).

Entender a criança como um ator social pleno traz grandes desafios, principalmente no que refere-se a aspectos epistemológicos até então enraizados em uma concepção universal de criança, bem como, no que diz respeito aos aspectos metodológicos que possam realmente contribuir para captar a voz e a perspectiva das crianças.

Logo, situamos a pesquisa de Florestan Fernandes, no Brasil, acerca do processo de socialização das crianças e da cultura infantil na década de 1940. Essas investigações trouxeram importantes contribuições para a abertura dos Estudos Sociais da Infância, pois possibilitou considerar a criança como um ator social que produz culturas e socializa-se, a partir de um processo horizontal, entre pares, por meio das interações estabelecidas nos grupos infantis.

Devemos considerar que há interfaces entre as pesquisas de Florestan Fernandes e o campo dos Estudos Sociais da Infância, especificamente a partir de sua obra denominada “Folclore e Mudança Social na cidade de São Paulo”. Porém, há também distanciamentos que serão discutidos ao longo da presente reflexão. Assim, o artigo pretende ressaltar a atualidade da discussão iniciada por Florestan Fernandes no Brasil, acerca do tema da cultura da infância, a qual foi identificada pelo sociólogo, mas ainda traz muitos desafios não superados para pensarmos a criança, a infância, assim como o tema da cultura e da socialização.

A reflexão está organizada em três partes, que complementam-se. Na primeira parte, apresentamos o contexto nacional e internacional a partir do qual Florestan Fernandes desenvolveu sua pesquisa sobre a cultura infantil. Num segundo momento, discutimos a forma como o sociólogo organizou e desenvolveu sua pesquisa na cidade de São Paulo, considerando o modo pelo qual as crianças criavam seus grupos, socializavam entre si e produziam cultura. Na última parte, a reflexão volta-se para os aspectos presentes na obra de Florestan Fernandes que, de algum modo, abriu o campo dos Estudos Sociais da Infância no Brasil, contudo, guardando as suas especificidades e o contexto em que foram produzidas.

## **O contexto de produção da pesquisa de Florestan Fernandes sobre a cultura da infância**

Os estudos de Florestan Fernandes sobre o folclore, em bairros populares da cidade de São Paulo, foram iniciados em 1941, quando ainda era estudante de Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP).

A cidade de São Paulo foi escolhida como universo empírico de suas investigações, pois estava constituindo-se num centro urbano em processo de mudança social, no que tange a formação das classes sociais, bem como, o estabelecimento de princípios associados ao mundo moderno e, também, por ligação afetiva com o tema. Ele próprio tinha origem na cultura *folclórica/popular* que estava desintegrando-se e, portanto, considerava-a patrimônio cultural do país.

Fernandes buscou realizar um estudo sociológico do folclore paulistano, visando compreender as manifestações da cultura folclórica e o fluxo da vida social; ou seja, a relação entre a cultura *popular* e a cultura civilizada do mundo urbano e moderno. Logo, de acordo com Arruda (2010, p. 13), “possivelmente, a dimensão mais desenvolvida da sociologia de Florestan Fernandes reside no tratamento da mudança social, da constituição do mundo urbano e da formação da sociedade de classes no Brasil”.

Segundo Fernandes (1961), a revolução social pela qual São Paulo passou ocasionou a desagregação da cultura popular; no entanto, foi um processo similar ao vivenciado em outros países. Contudo, ele não diminuiu a vivacidade da cultura tradicional. No Brasil, especificamente em São Paulo, ocorreu o contrário, pois o processo de mudança foi muito rápido e o apego aos elementos folclóricos da cultura era incipiente nesse espaço urbano que ainda estava constituindo-se.

O fato descrito acima ocasionou um processo de perda cultural, pois, segundo Fernandes (1961), gerou um caráter de substituição cultural contrário ao folclore. Esse processo passou a representar um estado de ignorância para os membros da sociedade que estava ainda por ser constituída. Assim, algumas instituições tiveram um papel muito importante, como: a Igreja Católica, a Escola Primária e a Polícia. A primeira manifestou-se contrariamente às credences populares presentes nas práticas religiosas das camadas populares; a segunda possibilitou uma maior difusão do saber considerado erudito; e a terceira operou um controle sobre as atividades consideradas impróprias para a atual sociedade.

O folclore manteve-se em determinados círculos, os quais possibilitavam sua permanência como, por exemplo: o folclore infantil, as práticas mágicas (envolvendo superstições, credences, práticas de benzedeadas, magia branca e negra) e os provérbios e adivinhas. Mas, de acordo com Fernandes (1961, p. 34),

Os dados registrados não permitem descrever um folclore autenticamente urbano, mas o que restou, após vários peneiramentos negativos, da velha herança tradicional brasileira em nossa sociedade. Esse folclore empobrecido poderá encontrar condições de

perpetuação, mediante a reintegração ao sistema sociocultural de uma comunidade urbana [...] com isso, a cidade, que não chegou a possuir um folclore propriamente urbano até o presente, não o terá também no futuro.

Inicialmente, a pesquisa realizada pelo autor teve um recorte bastante amplo quanto ao folclore na cidade de São Paulo. Os dados encontrados pelo sociólogo reuniam aspectos variados tais como: cantigas de ninar e de acalanto, cantigas de piquenique, brinquedos de salão, contos, lendas, fábulas, adivinhas populares, sonhos, provérbios e folclore infantil. Somente depois de iniciar sua experiência com o trabalho de campo, e de estar mais esclarecido sobre determinados aspectos dos dados encontrados, Florestan decidiu restringir-se à coleta de dados exclusivos do folclore infantil.

É importante ressaltar que, antes do estudo de Florestan, já era possível encontrar outros pesquisadores interessados na temática do folclore no Brasil. Um dos seus principais expoentes foi Mário de Andrade, mas não somente ele. De acordo com Fernandes (1961), tivemos também o estudo pioneiro sobre o folclore brasileiro expresso na obra “Casa Grande & Senzala” de Gilberto Freire (1931), além das obras de Sílvio Romero, Euclides da Cunha, João Ribeiro, Daniel Gouveia, Oneyda Alvarenga, Alexina de Magalhães, dentre outros. Porém, segundo o sociólogo, o estudo realizado acerca do folclore infantil, além de ser uma área pouco estudada, também desconsiderava o processo dos elementos da cultura infantil.

Logo, somente com “o desenvolvimento da sociologia e da antropologia no Brasil, é que se produzirão as condições necessárias ao aproveitamento mais amplo e racional do material folclórico, colhido em pesquisa de campo, pelos cientistas sociais” (FERNANDES, 1961, p. 199).

Fernandes (1978, p. 15) defendia a ideia de que

O folclore não se constituía uma ciência autônoma, pois o mesmo não se configuraria como “um conjunto de fatos folclóricos relacionados causalmente, cuja natureza o caracterizasse como objeto específico de uma ciência nova, com um campo de estudo *sui generis*”.

O sociólogo também afirmava a necessária colaboração interdisciplinar ao estudo do folclore no Brasil. Haja vista, também, ter a possibilidade de ser descrito e analisado por disciplinas como a Sociologia, a Psicologia, a Psicologia Social, a Etnologia, etc.

Considerando o contexto internacional, de acordo com Delalande (2006), desde o final do século XIX, os folcloristas franceses preocuparam-se em conhecer os elementos que compõem um saber infantil e que é conservado pela memória a partir da influência do folclore dos adultos. A autora cita a obra de Eugène Rolland denominada “Rimas e Jogos da

infância” (1883), assim como o trabalho de Jean Baucomont que, em 1931, realizou um estudo entre professores primários acerca do folclore infantil.

Em 1943, tivemos a pesquisa de Arnold Van Gennep, que teve o mérito de apresentar os fatos do folclore no seu contexto social, de acordo com a análise de elementos da cultura das crianças. Os britânicos também estavam desenvolvendo pesquisas sobre o folclore infantil, entre eles podemos citar as obras de Iona e Peter Opie (1959) sobre as tradições e as linguagens infantis na escola, bem como o estudo dos jogos de rua e de recreação, os quais foram compreendidos como um saber e uma prática infantil no ano de 1969 (DELALANDE, 2006).

Florestan Fernandes, mesmo não citando essas obras no seu estudo sobre o folclore infantil na cidade de São Paulo, deixa patente algumas semelhanças no modo de realização de sua pesquisa, inclusive quanto ao uso do conceito de cultura infantil e da formação dos grupos de crianças. Encontramos uma forte influência de Marcel Mauss na obra desse sociólogo brasileiro.

Essa influência marcante na obra de Florestan Fernandes sobre a cultura infantil, apesar de não mencionada, pode ser facilmente verificada quando comparamos as proposições de Marcel Mauss ao modo como Florestan realizou sua pesquisa e às conclusões acerca da formação dos grupos infantis que ele denominou “trocinhas” e da cultura infantil.

Marcel Mauss, em 1937, no seu artigo denominado “Três observações sobre a sociologia da infância”, já pontuava que, a partir dos estudos psicossociológicos acerca do meio infantil no qual as crianças interagem, pesquisadores encontraram, na formação dos grupos infantis, a figura do líder; bem como, a formação de suas regras e de sua própria moral.

A partir daí, Mauss (1937), ao abordar o problema entre gerações como uma segunda observação sobre a sociologia da infância, trouxe-nos elementos importantes sobre a relação das crianças entre si, ao considerar, por exemplo, a relação das crianças mais velhas com as mais novas. Esse dado tornou-se uma questão fundamental para compreendermos o modo como elas agrupavam-se em função da idade e do sexo. Esses fatores primordiais também foram encontrados nas pesquisas de Florestan Fernandes.

Outro ponto crucial envolvendo a questão das gerações é o processo educativo que ocorre nesses grupos infantis. Mauss (1937) considerava que os grupos infantis eram livres; portanto, não se configuravam como o fruto de uma educação dada pelos adultos,

mas sim, de uma educação entre as próprias crianças. Esse dado também foi confirmado por Florestan ao tratar da socialização entre as próprias crianças como fator educativo.

Em relação à educação realizada entre as próprias crianças, é possível encontrar essa mesma afirmação na seguinte passagem: “o interesse, para nós, é que se trata, exatamente, do aspecto da socialização elaborado no seio dos próprios grupos infantis, ou seja: educação da criança, entre as crianças e pelas crianças” (FERNANDES, 1961, p. 219).

Fernandes (1961, p. 219) nomeava essa educação ocorrida entre as crianças de “educação informal”, pois compreendia que se “são aquisições de elementos culturais por meio de atualização da cultura infantil, sem uma transmissão sistemática e ordenada das experiências, porquanto não há interferência dos adultos”.

Nos grupos infantis, as crianças aprendem a seguir as regras sociais e as expectativas de comportamento. Aprendem os valores culturais e os padrões comportamentais de sua comunidade; bem como, adquirem uma consciência definida e antecipada das relações do mundo adulto (FERNANDES, 1961).

Logo, Florestan Fernandes compreendia que a educação das crianças poderia dar-se entre as próprias crianças, por meio da transmissão da cultura infantil. Essa transmissão pode ser verificada nos momentos de interação e brincadeiras nos grupos infantis. É por esse motivo que o sociólogo conceituava o grupo infantil como uma “sociedade em crisálida” que funcionava como um grupo de iniciação e como antecipação à vida adulta. Assim, tratava-se “de um processo de integração dos imaturos na cultura da sociedade, educativo, portanto” (FERNANDES, 1961, p. 480).

Foi possível encontrar em Florestan Fernandes muitas similaridades com as proposições de Mauss. O sociólogo brasileiro também afirmava ter realizado um estudo psicossocial das “trocinhas” ao buscar compreender a influência do folclore na formação da personalidade da criança. Para tanto, utilizou as obras de alguns psicólogos que contribuíram para a realização dessa análise, como: Jean Piaget, Kardiner e Mac Dougall (FERNANDES, 1961).

Uma das críticas de Mauss à Piaget, em artigo de 1936, trata justamente do modo como o psicólogo encarava as crianças individualmente e não socialmente. Segundo Mauss (1937), é preciso partir do social e não do individual. Nesse sentido, Fernandes (1961, p. 218) também compreendia a criança como um ser social que constituía-se a partir da socialização no seu grupo infantil, segundo ele

Além das situações localizáveis dentro do campo restrito da interpsicologia, há um campo muito rico e ainda pouco estudado, o qual coloca os grupos infantis em equivalência com os grupos

paroquiais, escolares, familiares etc., quanto à socialização da criança, agindo no mesmo sentido que estes na formação do ser social e no desenvolvimento da personalidade dos imaturos.

Da mesma forma que Mauss, Florestan Fernandes também apoiava-se nos pressupostos teóricos de Durkheim ao compreender a função do processo educativo. Segundo Mauss (1937, p. 238), citando Durkheim: “é na educação que a ação da sociedade sobre o indivíduo se observa melhor. Quem diz educação, diz formação de uma geração por outra, ou melhor, adestramento da criança pelo adulto”.

## **As contribuições de Florestan Fernandes para a constituição dos estudos sociais da infância no Brasil**

A pesquisa desenvolvida por Florestan Fernandes teve como *locus* os bairros de Bom Retiro, Lapa, Bela Vista, Brás e Pinheiros. Porém, ele optou pela análise mais minuciosa do que denominou “trocinhas” do Bom Retiro. A observação foi o principal instrumento de coleta de dados, a qual foi seguida de uma descrição minuciosa que permitiu “não só a obtenção dos vários elementos do cancionário literário, no caso as diversas composições do folclore infantil, como facilitou, extraordinariamente, o estudo da vida social dos imaturos nos grupos infantis” (FERNANDES, 1961, p. 201).

A aproximação com as crianças foi facilitada pela amizade que Florestan tinha com algumas delas. Isso facilitou o desenvolvimento da sua pesquisa e possibilitou, não somente a observação direta, mas, também, que tivesse conversas com as crianças – essas conversas caracterizaram-se como entrevistas, segundo o sociólogo. A partir dessas entrevistas, ele pôde conhecer os folguedos preferidos das crianças, bem como as relações estabelecidas dentro da “trocinha”, as suas formas de organização, como: a criação de regras, os direitos e deveres dos membros, os rituais de entrada no grupo, etc.

Florestan Fernandes debruçou-se sobre o estudo específico das “trocinhas” formadas nas ruas por crianças na faixa etária dos sete anos, ou mais, que, de acordo com o sociólogo, apresentavam uma consciência grupal. Isso fazia da “trocinha” um grupo social constituído pelos seguintes elementos: interação, associação e sociabilidade. Ou seja, esses elementos compõem uma ordem social que se caracteriza “como um sistema de referências de caráter universal [...] onde os organismos se agregam ou se associam socialmente, existindo certas regularidades no modo de coexistência ou de convivência deles entre si” (FERNANDES, 1970, p. 25).

Assim, a integração entre os indivíduos adquire um caráter social quando é possível evidenciar algum grau de sociabilidade envolvendo interdependência e tolerância

mútua, bem como reciprocidade e um desejo comum. É preciso, também, considerar a necessidade dessa interação de transformar-se em uma situação coletiva de existência para formar um agregado social que pode estruturar-se por meio de formas mais complexas, tais como: as produzidas por associação, que ocasionam uma ordenação entre as necessidades individuais dos membros e as necessidades do coletivo como um todo (FERNANDES, 1970).

É a partir dessa compreensão de ordem social, e de agregado social, que Florestan situou as crianças como uma “sociedade em crisálida” e passou a estudá-la como um agregado social, de acordo com as formas de sociabilidade, organização, tolerância e dependência observadas entre os membros que a compõem. Em outras palavras, realizou um estudo que levou-o a pesquisar “sistematicamente as influências exercidas pelas condições coletivas de existência sobre os mecanismos adaptativos dos seres vivos” (FERNANDES, 1970, p. 29).

Por meio do estudo das “trocinhas”, Fernandes (1961) estava preocupado com o modo pelo qual as crianças, como um grupo, congregavam-se socialmente e, conseqüentemente, com os resultados advindos dessa associação sobre os sujeitos, no caso específico, a influência de tais fatores sobre a formação da personalidade das crianças por meio da cultura. Esse modo de viver em grupo, propiciado pela convivência pautada numa ordem social, possibilitava a transmissão do legado cultural e era, justamente, o modo como as “trocinhas” funcionavam: a socialização entre as próprias crianças dentro do grupo infantil.

A transmissão da cultura contribuía para a adaptação da criança ao mundo adulto, às suas regras, valores e crenças. Logo, Fernandes (1970, p. 48) afirmava que

É preciso, portanto, encarar o homem como parte de uma espécie animal, para entender-se como surge sua capacidade de agir socialmente e de onde provém sua faculdade de produzir a cultura, a qual lhe confere o poder de alterar os padrões naturais da vida social animal. Essas são duas questões diversas, pois o homem, além de ser um animal social, é um animal social criador de cultura.

Roger Bastide (1961 apud FERNANDES, 1961), no prefácio do capítulo “As “trocinhas” do Bom Retiro” do livro “Folclore e mudança social na cidade de São Paulo”, chama a atenção para o fato de que o folclore infantil tem sido uma área pouco estudada pelos pesquisadores. Contudo, Florestan Fernandes conseguiu adentrar o universo infantil, o qual é tão invisível aos olhos dos adultos.

Segundo Bastide (1961, p. 195), para estudar a criança, “é preciso tornar-se criança”. Ele explica que, para tanto, não basta observar, ou brincar, com os seus

brinquedos, mas “é preciso penetrar além do círculo mágico que dela nos separa, em suas preocupações, suas paixões, é preciso viver o brinquedo e isso não é dado a toda gente” (BASTIDE, 1961, p.195).

Assim, Florestan Fernandes, por meio do estudo dos grupos de crianças a partir do folclore infantil no bairro do Bom Retiro, adentrou o universo vivenciado pelas crianças, denominado por elas próprias de “trocinhas”. De acordo com Fernandes (1961), as crianças reuniam-se para brincar, mas essa atividade excedia os aspectos relacionados à brincadeira em si, pois também criavam componentes associativos em relação ao grupo com o qual relacionavam-se, tais como: a vizinhança. Isso possibilitava a formação das “trocinhas” como um grupo estável e duradouro, pois “há direitos e deveres que transcendem ao jogo e que se impõem independentemente dele. São os direitos e deveres que os indivíduos chegam a desfrutar como membros das trocinhas” (FERNANDES, 1961, p.18).

Fernandes (1961, p. 16) colocava a seguinte questão: “como essas formas de agregação social, vinculadas aos folguedos tradicionais das crianças, contribuem para a integração delas ao meio social em que vivem?”. As respostas encontradas pelo sociólogo foram as seguintes: as crianças, por meio dos folguedos, mantêm contatos com pessoas da mesma categoria social, ou seja, elas possuem a mesma idade, os mesmos interesses e a mesma concepção de mundo. Nesse grupo primário, as crianças desenvolvem relações não assimétricas e aprendem a viver em grupo, quando “se processa verdadeira aprendizagem, em que o mestre da criança é a própria criança” (FERNANDES, 1961, p.18).

A partir dos dados encontrados na presente reflexão, é inegável a contribuição do estudo das “trocinhas” realizado por Florestan Fernandes, no Brasil, na década de 1940, para a compreensão da cultura infantil e da socialização das crianças. Florestan Fernandes, nesse trabalho, inaugurou o campo de estudos a respeito da criança e da infância ainda inexistente no Brasil. Ele colocava questões que o campo da Sociologia da Infância ainda hoje se faz e que são centrais, tais como: as crianças produzem cultura? É possível afirmar a existência de uma cultura infantil? Como é possível captar a existência dessa cultura no universo infantil? Quais as relações dessa cultura infantil com a cultura adulta?

O sociólogo também identificou certa agência das crianças, apesar de não se ter detido nesse aspecto. Porém, afirma que as crianças não somente reproduzem a cultura adulta, mas também a ressignifica, internamente, no grupo de crianças. No entanto, sua análise restringiu-se ao modo como as crianças, por meio da produção dessa cultura infantil, encontram melhor adaptação à vida na sociedade adulta. Em outras palavras,

preocupou-se com o adulto que a criança iria tornar-se e desconsiderou as possibilidades reais da criança, no hoje, e sua influência na sociedade adulta como grupo geracional específico.

Isso justifica a concepção de infância, presente na obra de Fernandes (1961, p. 203), embora não se encontre de forma explícita. Contudo, podemos apreendê-la a partir de algumas discussões presentes nos seus estudos. Pudemos encontrar, por exemplo, uma discussão acerca do conceito do vocábulo *infantil* que foi assim apresentado pelo sociólogo: “tomamos o termo infantil numa acepção pouco ampla, envolvendo nessa designação os imaturos em geral”.

Ao longo da obra “Folclore e mudança social na cidade de São Paulo”, Fernandes (1961) utilizou a conceituação das crianças como imaturas e apresentou três grupos etários a partir da separação apresentada por ele, a saber: aqueles que compõem o grupo da primeira infância, o da segunda infância e, por fim, os que estão na puberdade/adolescência. No primeiro grupo estão inseridas as crianças de idade entre 5 a 7 anos; no segundo grupo, as de 7 anos, ou mais.

A partir do modo como Florestan apresentou os períodos de separação das crianças em grupos etários, podemos compreender que a infância, na perspectiva do sociólogo, envolve a concepção de etapa ou de período. Por isso, está pautada na ideia de antecipação e/ou preparação das crianças “por meio da ênfase na socialização e nos métodos de educação que tem seu objetivo na idade adulta” (QVORTRUP, 2010, p.636).

Florestan Fernandes trabalhava com a ideia de coletivo na constituição dos grupos infantis, mas, mesmo assim, ainda utilizava a noção de infância como um período essencialmente biológico pautado nas etapas de desenvolvimento individual da criança. Essas etapas se caracterizariam como períodos que levam à saída da criança da infância e sua entrada na vida adulta por meio de um processo de antecipação e preparação da criança como um adulto em devir - era o que o sociólogo denominava de “antecipação à vida do adulto” (FERNANDE, 1961, p. 468).

Essa concepção de infância era marcada como um período que carrega consigo uma percepção binária, pois seria caracterizado pela passagem da imaturidade à maturidade, da incompetência à competência, da infância à vida adulta, etc. De acordo com Barbosa, Delgado e Tomás (2016, p. 118),

As visões binárias da sociedade vêm sendo problematizadas no campo dos estudos sociais e educacionais desde a década de 90 [...] são muitos os desafios postos para a sociedade e para nossas

pesquisas, entre eles o de constituir outras formas de pensar a rigidez das fronteiras entre as diferentes gerações e fases da infância.

A partir da perspectiva da Sociologia da Infância, não podemos considerar a infância apenas como um período com início e fim, mas, também, como uma categoria geracional permanente da sociedade. No campo da Sociologia da Infância, encontramos perspectivas diferentes no modo de compreender a infância a partir de sua dimensão estrutural. Jens Qvortrup, que defende essa perspectiva, tende, segundo Sarmiento (2005, p. 365), “a privilegiar na análise as relações intergeracionais e a secundarizar as relações intrageracionais e os aspectos culturais e simbólicos da infância”.

Na presente reflexão, estamos compreendendo o conceito de infância a partir de um enfoque de caráter mais relacional, ao considerarmos o aspecto estrutural, assim como sua relação com outros fatores, como: gênero, raça, etnia, classe, etc.; bem como, as microrrelações entre as crianças. Logo, a partir de Alanen (2010 apud Sarmiento, 2005, p. 365), a infância, como uma categoria do tipo geracional, “é uma variável de aspectos estruturais mais vastos e como variável independente, pelos efeitos estruturantes da ação das crianças como atores sociais”.

A Sociologia da Infância propõe, segundo Sarmiento (2005), o resgate do conceito de geração ao buscar conjugar os fatores de homogeneidade constituintes de um determinado grupo etário, mas, também, os fatores de heterogeneidade ao considerar a variabilidade de contextos nos quais as crianças vivem diferentes infâncias.

Nesse sentido, Fernandes (1961), ao conceber a infância somente como um período biológico do desenvolvimento infantil, deixou de considerar a criança e suas capacidades no presente, e deu mais ênfase ao seu vir a ser, ou seja, à sua preparação como futuro adulto, de acordo com o modo pelo qual ele compreendia o conceito de socialização como adaptação social. Assim,

A expressão é reveladora quando nos deparamos com frases típicas como, por exemplo, o nosso objetivo de integrar a criança na sociedade com sucesso. A frase sugere, talvez até inconscientemente, que a criança não é um membro da sociedade, em outras palavras, que sociedade é exatamente a mesma coisa que sociedade adulta. É obviamente certo afirmar que uma criança não é um adulto integrado na sociedade, o que não parece, contudo, que isso seja condição necessária para ser completo enquanto indivíduo. As crianças são dessa forma, por definição, excluídas da sociedade, uma vez que a sua integração a esta marca o fato da sua infância ter chegado ao fim (QVORTRUP, 2010, p. 636).

Ao analisar as “trocinhas”, Fernandes (1961) deteve-se no modo pelo qual as relações, dentro do grupo de crianças, possibilitavam-lhes a aprendizagem de regras,

normas e valores sociais que levavam à constituição de um adulto ajustado, adaptado à sociedade.

Para Fernandes (1961), os elementos constituintes da cultura infantil provêm da cultura adulta; contudo, eles foram abandonados e transferidos para a cultura de outro grupo; no caso, para o grupo infantil. Esse processo foi denominado pelo sociólogo de “aceitação” e foi associado ao mecanismo que ele chamou de “aprendi na rua”. Assim, as crianças contribuiriam para a perpetuação desses elementos folclóricos que seriam transmitidos por meio das brincadeiras de rua.

O processo de socialização, segundo o autor, ocorreria por meio de uma educação informal, a partir da qual as crianças se apropriariam de ideias, valores, normas e representações pertencentes à sociedade na qual estariam inseridas e que contribuiria para a formação do ser social. Assim, de acordo com Sirota (2001, p. 09), a atenção dos sociólogos “estará, portanto, voltada para as instâncias encarregadas desse trabalho de socialização, para fazer acontecer o ser social, principalmente num quadro estrutural-funcionalista”.

Nessa discussão sobre a formação do “ser social” da criança, Florestan Fernandes toma como parâmetro as proposições de Émile Durkheim, ao distinguir a formação da personalidade deste ser social em contraposição ao ser individual. As crianças se socializariam e educariam ao tratarem-se como expõe o autor:

A transmissão de experiência e de conhecimento aos imaturos ocorre através do que Young chama de intercâmbio cotidiano, isto é, durante a própria vida interativa dos indivíduos. Neste caso, o das crianças, são aquisições de elementos culturais por meio de atualização da cultura infantil, sem uma transmissão sistemática e ordenada das experiências, porquanto não há interferência dos adultos (FERNANDES, 1961, p. 219).

Esse processo de aquisição dos traços dessa cultura ocorre em um período no qual a criança, ainda está com “o seu espírito crítico pouco desenvolvido e as aquisições, conseqüentemente, se fazem quase sem análise. Os traços adquiridos calam profundamente, exercendo importante papel na formação da sua personalidade” (FERNANDES, 1961, p. 219).

Essa socialização se caracterizaria por seu aspecto conservador, na medida em que levaria as crianças a adquirirem atitudes baseadas em tradições já cristalizadas, assim: “esta forma de socialização plasma o indivíduo para o seu meio restrito, sendo particularista por excelência” (FERNANDES, 1961, p. 220). Assim, as crianças aprenderiam os valores e normas, instituídos socialmente, por meio dos seus folguedos.

Nesse ponto, há uma discrepância em relação às proposições da Sociologia da Infância, pois, no estudo das culturas infantis, devem ser consideradas as potencialidades das crianças no momento em que elas estão vivenciando sua infância, seus saberes, os significados que atribuem ao mundo adulto e sua influência no modo como os adultos passam a organizar-se em função da própria infância. Assim, leva-se em consideração a criança que influencia o hoje na sociedade, não somente o futuro. Por isso, foi “principalmente por oposição a essa concepção da infância considerada como um simples objeto passivo de uma socialização regida por instituições, que vão surgir e se fixar os primeiros elementos de uma sociologia da infância” (SIROTA, 2001, p.09).

Ainda assim, Florestan Fernandes, por meio da sua pesquisa, trouxe contribuições para os Estudos da Criança, pois conseguiu ser o que Corsaro (2005) denomina de “adulto atípico”. Mesmo considerando todas as críticas a esse conceito, devemos pontuar que o sociólogo brasileiro, tomando como instrumento os aportes da etnografia e da descrição densa, imiscuiu-se nos grupos infantis e tornou-se um deles para capturar seu mundo e seus modos de constituição social como um grupo dentro de uma sociedade e de uma cultura específica.

A etnografia requer dos pesquisadores uma expropriação de seu ser adulto para integrar-se na identidade de outra cultura, ou seja, tornar-se parecido com o sujeito pesquisado. Assim, Corsaro (2005, p. 446) entende que “as crianças têm suas próprias culturas e sempre quis participar delas e documentá-las. Para tanto, precisava entrar na vida cotidiana das crianças, ser uma delas tanto quanto podia”.

O adulto precisa tornar-se um adulto atípico para ser aceito no grupo de crianças e tentar compreender seus mundos, suas culturas e sua forma de compreensão do mundo; em outras palavras, sair de uma lógica adulta e adentrar a lógica da criança. Essa mudança de ênfase na questão metodológica, com esse movimento de captar a voz das crianças e creditar suas falas como narrativas válidas, pode

Resgatá-las do silêncio e da exclusão, e do fato de serem representadas, implicitamente, como objetos passivos, ao mesmo tempo em que o respeito por seu consentimento informado e voluntário ajuda a protegê-la de pesquisas encobertas, invasivas, exploradoras ou abusivas (ALDERSON, 2005, p. 423).

Outro ponto a ser considerado é que, na pesquisa desenvolvida por Florestan Fernandes, foram considerados os aspectos de gênero, classe, raça/etnia e nacionalidade refletidos no modo pelo qual as crianças interagem entre si. O sociólogo concluiu que esses aspectos, embora trouxessem especificidades aos grupos de crianças, não tiveram

influência significativa em suas interações, pois não levaram à existência de distinções. Ele afirmou, assim, que as crianças relacionavam-se segundo padrões democráticos de conduta.

Esses elementos não foram vistos como centrais na análise realizada por Florestan Fernandes, mas compreendemos, baseados nas contribuições da Sociologia da Infância, que as crianças vivem diferentes infâncias em função dos fatores de classe, raça/etnia, gênero, idade etc. Ademais, isso pode, sim, interferir no modo como as crianças relacionam-se entre si, constituem seus grupos de pares e constroem culturas.

Assim, podemos dizer que Florestan iniciou o campo dos Estudos Sociais da Infância no Brasil por meio de uma abordagem interdisciplinar a partir de aportes do campo do Folclore, da Sociologia e da Antropologia. Ele apresentou interfaces com o campo da Sociologia da Infância, a partir de temáticas também consideradas por essa área.

## Considerações Finais

A discussão acerca da cultura infantil ainda encontra controvérsias entre os pesquisadores de diferentes áreas, pois há a dificuldade em realizar-se pesquisas com crianças, que sejam focadas em ver, ouvir, registrar e interpretar as culturas infantis. Esse campo de pesquisa possui muitos questionamentos acerca da captação e compreensão dessa cultura infantil.

Os desafios são grandes no campo dos Estudos Sociais da Infância, pois as formas de escuta das crianças e de entendimento dos seus modos de ver, e estar, no mundo adulto são carregados de uma complexidade da qual nós, como adultos saídos da nossa condição de infantis, temos dificuldade de nos aproximar.

É preciso considerar, também, que a ideia remanescente da infância como um período universal carregado de binarismos traz consequências negativas para a visão que construímos sobre a criança. A mesma que impossibilita-nos considerar a diversidade de vida, e de contextos, nos quais se vive diferentes infâncias.

Florestan Fernandes, em sua pesquisa, desconsiderou essa diversidade ao considerar apenas as questões de gênero e idade na constituição dos grupos infantis e ao tornar as questões de classe e etnia algo secundário, ou inexistente, no modo como as crianças viviam sua infância. De qualquer modo, iniciou uma reflexão, deveras importante, ao utilizar formas metodológicas tão específicas para captar as brincadeiras infantis e, também, ao buscar compreender os modos como as crianças lidam com os artefatos culturais produzidos por elas e para elas.

Assim, o sociólogo brasileiro inaugurou um campo de estudos que traz consigo temáticas importantes, tais como: o estudo das relações entre as crianças, as brincadeiras e a cultura da infância; a socialização das crianças entre si; considerou a questão da agência das crianças na produção de uma cultura infantil; abordou as crianças como um grupo de idade com características específicas; tratou das relações entre gerações ao abordar, brevemente (já que não era o foco da sua pesquisa), o estudo da influência das crianças de diferentes nacionalidades residentes no Brasil e a aprendizagem transmitida aos pais sobre uma cultura popular aprendida na rua.

É nesse sentido, que esse artigo caminhou na busca por apresentar as contribuições desse sociólogo brasileiro tão importante para a constituição do campo dos Estudos Sociais da Infância no Brasil. Ele adentrou o mundo infantil, e deve ser lembrado e considerado em pesquisas no campo da Sociologia da Infância no Brasil, o qual ainda está em construção.

## Referências

ALDERSON, Priscilla. As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa. **Rev. Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 419-439, mai/ago, 2005.

ARRUDA, Maria Armanda do Nascimento. A sociologia de Florestan Fernandes. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, v.22, n.1. p. 09-27, jun/2010.

BARBOSA, Maria Carmen S; DELGADO, Ana C. C; TOMÁS, Catarina A. Estudos da Infância, Estudos da Criança: Quais campos? Quais teorias? Quais questões? Quais métodos?. **Revista Inter-Ação**. Goiânia, v. 41, n. 1, p. 103-122, jan/abr, 2016.

CORSARO, Willian. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Revista Educação & Sociedade**. n. 91, v. 26, p. 443-464, mai/ago, 2005.

DELALANDE, Julie. Le concept heuristique de culture enfantine. In: SIROTA, Regine (org). **Éléments pour une sociologie de l'enfance**. Paris: Press Universitaires de Rennes. Collection "Le Sens Social". 2006. p.267-274.

FLORESTAN, Fernandes. **Folclore e Mudança social na cidade de São Paulo**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Publicação da 1ª edição em 1961.

\_\_\_\_\_. **Elementos de Sociologia Teórica**. São Paulo: Editora Nacional e Editora USP. 1970.

\_\_\_\_\_. **O Folclore em Questão**. São Paulo: Hucitec, 1978.

MAUSS, Marcel. Três observações sobre a Sociologia da Infância (1937). **Revista Pró-Posições**. Campinas, v. 21, n. 3 (63), p. 237-244, set/dez, 2010.

MOLLO-BOUVIER, Suzanne. Transformação dos modos de socialização das crianças: uma abordagem sociológica. **Revista Educação & Sociedade**, n. 91, v. 26, p. 391-404, mai/ago, 2005.

MONTANDON, Cléopâtre. Sociologia da Infância: balanços dos trabalhos de língua inglesa. **Cadernos de Pesquisa**, nº 112, p. 33-60, mar/2001.

PLAISANCE, Eric. Para uma sociologia da pequena infância. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 86, p.221-241, abr/2004.

QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 02, p. 631-643, mai/ago, 2010.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e Alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Revista Educação & Sociedade**. v. 26, n. 91, p. 361-378, mai/ago, 2005.

SIROTA, Régine. Emergência de uma Sociologia da Infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de Pesquisa**, n. 112, p. 07-31, mar/2001.

**Revisores de línguas e ABNT/APA:** *Suely Maria Rodrigues e Deyse Assis de Miranda*

**Submetido em 06/02/2018**

**Aprovado em 06/06/2020**

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)